

Um homem feito de palavras: Torga na Colóquio Letras

Raquel Terezinha Rodrigues (UniCENTRO)

RESUMO: Levando-se em conta a importância de Miguel Torga no cenário literário, este trabalho se propõe a fazer uma leitura da fortuna crítica do escritor. Para tal utilizou-se a noção de Horizonte de Expectativas e a ideia de Fusão de Horizontes de Jauss e também a proposta de Fredric Jameson, de historicizar sempre. A necessidade de registrar histórica e socialmente algumas leituras feitas da obra, se justifica para melhor compreender o seu papel ao longo dos tempos e também a relação estabelecida entre o público, a obra e o leitor. Além disso, registrou-se a mudança sofrida pela crítica e os reflexos que se fizeram sentir na maneira de analisar a obra de Torga.

Palavras-chave: Miguel Torga; *Diário*; telurismo.

ABSTRACT: Taking into account the importance of Miguel Torga for the literary scenario, this paper proposes a reading of the critical fortune of the writer. To this end we used the concept of Horizon of Expectation and the idea of the Fusion of Horizons by Jauss and also Fredric Jameson's proposal of always historicizing. The need to record historical and socially some readings of Torga's work makes us better understand its role throughout time and also the relationship between the public, the work and the reader. Moreover, it has shown the change criticism has undergone and the reflections that were felt in the way of analyzing Torga's work.

Keywords: Miguel Torga, Diary, telluric.

De tanto que dissera o que ficaria dito?
(TORGA, 1996)

Adolfo Correia da Rocha, formado em medicina, profissão que desempenhara paralelamente a de escritor, ficou conhecido pelo pseudônimo de Miguel Torga. Nasceu em 12 de Agosto de 1907, em São Martinho de Anta, freguesia do Concelho de Sabrosa, Trás-os-Montes, Portugal, e o pseudônimo não foi escolhido por acaso. Torga ou urze, planta bravia, humilde, espontânea e com o seu habitat no chão agreste de Portugal, particularmente nas serranias do Norte, é o correspondente, no reino vegetal, da força que constitui o poeta e o prosador; e Miguel, em homenagem a três Miguéis espanhóis: Miguel de Molinos, Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno.

Alberto da Costa e Silva, ao prefaciar *A criação do Mundo*, comenta que conheceu Torga em São Paulo, durante um Congresso Internacional de Escritores e que ele

contrastava com os outros convidados, pois se mostrava sempre carrancudo e muito tímido. O contrário de como se apresentavam Faulkner, todo franzino, e Casais Monteiro, sempre sorridente. Esse fato, segundo Costa e Silva, não impediu que Torga fosse aplaudido com entusiasmo e alegria quando declarou que “uma pátria não pode ser sócia de nenhuma outra, e muito menos um continente. Sem deixar de ser português, disse o que diria um brasileiro. Falou por todos nós e como nós” (apud TORGA, 1996, p. 3).

Por essa razão, Costa e Silva não se surpreendeu quando leu no *Sexto dia da criação* uma frase que fazia referência ao evento e que parecia ser de alguém que só aprendera a ser recusado. Torga escreveu que: “as palmas que recebi foram de polida incompreensão”. Ao que o Costa e Silva completa: “Engano. E fique a rima, como fiança: foram de carinhosa gratidão.” E essa “carinhosa gratidão”¹ foi expressa em dois volumes da revista *Colóquio Letras*, que homenagearam o escritor, e que utilizaremos como *corpus*: o número 43 publicado pelos cinquenta anos de trajetória literária e o volume 98, pela passagem dos seus oitenta anos.

Este trabalho faz parte de um projeto maior em que a escrita intimista de Torga é estudada. Sendo assim, utilizou-se, nesse momento, alguns conceitos referentes à Estética da Recepção de Jauss. Dos princípios adaptados, destacou-se a noção de “horizonte de expectativas”, ou seja, o que o leitor espera da obra, e a de “fusão de horizontes”, quando as expectativas são atingidas, a obra é aceita, assim como a ideia de que o leitor é responsável pelo preenchimento das lacunas que o texto proporciona (JAUSS, 1994).

Utilizou-se também a proposta de Fredric Jameson de historicizar sempre. Para ele a obra deve ser analisada, também, levando-se em consideração as várias interpretações do texto, pois elas estabelecem uma mediação, ou seja, uma identidade entre os níveis de leitura evitando o aprisionamento do texto, e favorecendo uma abertura sem, no entanto, buscar denominadores comuns, mostrando que os limites do texto podem e devem ser sempre superados.

Para que tal abertura seja feita, é necessário, segundo o teórico, além dos elementos que fazem parte do texto, que se historicize também as leituras que se fizeram dele, para que a narrativa possa ser vista como algo mais complexo do que a mera reprodução do romanesco (JAMESON, 1992, p. 129). Dessa forma, foram destacados alguns textos que

¹ Nesse I Congresso Internacional de Escritores estavam presentes, segundo depoimento de Costa e Silva, alguns escritores renomados tais como: Adolfo Casais Monteiro, William Faulkner e Roger Bastide, dentre outros. E essa frase que Miguel Torga proferiu foi quando comentava a comunicação de Bastide sobre a visão que a Europa tem da América.

fazem parte da fortuna crítica do autor. São textos escritos por estudiosos que se debruçaram sobre a obra de Torga e que dão a ela várias linhas interpretativas.

David Mourão-Ferreira (1978)², diretor da revista *Colóquio Letras*, em seu artigo “Poética e poesia no “Diário” de Miguel Torga” (1978, p. 8), procura resguardar-se de “certas tentações” ao analisar a obra de Torga. Contudo o viés escolhido pelo crítico deixa claro que, além da admiração devotada ao poeta, procura não valorizá-lo unilateralmente. Refere-se ao *Diário* que até o momento estava com apenas doze capítulos escritos dos seus dezesseis, como sendo um “monumento que é documento, antes de mais, do pessoalíssimo itinerário humano de quem o escreve”. E conclui dizendo que “não há outro entre nós que se lhe compare – do tempo e do espaço em que tem sido escrito”.

Maria Helena da Rocha Pereira, em seu artigo “Os mitos clássicos em Miguel Torga” (1978), segue outra linha de análise da obra. Levanta a ideia de que os mitos são utilizados em larga escala, tanto na poesia quanto na música, porque eles têm a capacidade de exprimir os problemas de cada homem. Cita o estudo feito sobre o tema por Lilian Feder com quatro poetas de língua inglesa, tidos como os melhores e os mais influentes. São eles: Yeats, Pound, Eliot e Auden. Destaca ainda, que em língua portuguesa também não faltam exemplos, e dentre eles destaca Torga.

Para Pereira, o que mais atrai Torga, leitor de *A Odisséia e Iliada*, é o tema da inquietação, da persistência e do triunfo da inteligência sobre a força. Mostra vários personagens mitológicos com os quais o escritor se identifica, citando-os ao longo de sua obra. Em Prometeu, Torga também percebe essa inquietação, mas é em Sísifo que a comparação se estabelece na luta contra “uma sociedade e uma literatura sem esperança.”

Tanto Mourão-Ferreira quanto Pereira, ao fazerem um estudo mais aprofundado da obra do autor, situam-no nesse imenso panorama que é a literatura universal por meio dos temas abordados por Torga. Mostram que mesmo sendo muito preso às suas raízes, tratando de temas que dizem muito aos seus conterrâneos e falando de assuntos tão arraigados ao seu mundo, a sua origem transmontana, continua. Apesar do rompimento com o presencismo, há muitos anos, continua a falar de si, de sua alma e dos seus problemas, sem deixar de ser universalizante.

² Este artigo de David Mourão-Ferreira foi reeditado em seu livro *Tópicos Recuperados, sobre a crítica e outros ensaios* que, juntamente com os outros textos ali inseridos marcam mais de quarenta anos, até o presente momento, de produção ensaística desse autor. Aqui se fez apenas um resumo destacando a homenagem feita a Torga.

Álvaro Manuel Machado (1978) em seu artigo “Miguel Torga ou a impureza da criação” mostra que o autor se interroga sobre a sua condição de Português e de um criador que tem consciência da impureza de sua criação. Para Machado, Torga de certa forma correu um risco maior de impureza estética quando se aventurou em sua escrita autobiográfica.

A sua crítica, aparentemente, muito distante dos críticos anteriores, analisa a obra pela linha interpretativa da impureza, justificando a escrita intimista como um gênero impuro pelas misturas que traz. Há que se considerar o ponto de convergência quando, mais uma vez, o texto memorialístico volta à cena, e o crítico junta-se aos outros, analisando a obra, ainda que com qualidades excepcionais, como sendo um relato de eventos sobre a existência do poeta, aproveitando para refletir sobre assuntos que o atormentam.

Machado reforça a ideia de que ao escrever o *Diário*, Torga estabelece um paralelo com Brandão e Pascoais. E, ao analisar *A criação do mundo*, diz que o poeta tenta alcançar a “unidade do eu” e que a ordem narrativa se impõe além da simbologia bíblica.

Mesmo sendo uma crítica que avança bastante em termos de análise da obra, a leitura de Machado é muito densa, mas aproxima-se muito dos outros críticos já mencionados, pois salvo a originalidade presente na abordagem dos mais variados temas, o crítico procura estabelecer a mesma linha interpretativa, não saindo do “já dito” que a obra oferece.

As obras de Torga: *Bichos* e *Novos contos da montanha* são analisadas por ele, permitindo-lhe concluir seu estudo dizendo em relação a Torga: “essa impureza tem para lá do banal significado da inspiração, o alto significado de um humanismo que, sem teorias literárias nem outras a apoiá-lo, obstinadamente procura definir-se” (MACHADO, 1978, p. 50).

Essa “procura”, característica da obra de Torga, é também ponto de análise para Teresa Rita Lopes (1978). Para a autora, essa busca acaba tornando o poeta muito singular. Ao iniciar seu estudo e, ao citar Proust, diz que um escritor ao longo de sua vida e da sua obra acaba por repetir sempre o mesmo livro, o que ela chama de “obsessão do círculo”, facilmente verificável em Torga. Fala da terra como seio amoroso e, nesse ponto, reforça a opinião do telurismo presente na obra do poeta, bem como o papel do mar como inimigo. O que para Lopes é uma divisão do escritor: o céu e a terra, a terra e o mar. E conclui

dizendo que “sua teimosia camponesa de quem tem uma vida inteira para acertar o passo consigo próprio, é que faz a sua obra sua, isto é, única” (LOPES, 1978, p. 61).

E o último estudo dessa revista é o de Jorge Fernandes da Silveira (1978) no qual o autor também compartilha a ideia da busca, aqui representada pela busca do poeta na obra, exemplificando-a com a citação de um texto do apocalipse com o qual Torga abre o seu *Outro livro de Job*. Com esse texto, diz o autor que ser poeta “é estar no lugar da perda da harmonia; é ser aquele que procura recuperar o objecto com o mesmo instrumento que o levou a perdê-lo: a palavra”.

E ainda conclui dizendo que o nascer para a vida e para a poesia, de certa forma, é estar no papel de protagonista do que ele chama de “drama cristão da expulsão do paraíso”. O autor faz um estudo sobre os livros de Torga e destaca que o seu propósito era o de ler interpretativamente a poesia. Mas tem consciência da insuficiência da sua abordagem e tenta contribuir para futuras reflexões sobre a obra.

Observa-se, aqui, que, de maneiras diferentes, cada crítico procura estabelecer um vínculo entre a sua leitura e a obra de Torga. Percebe-se que os textos são densos e as análises feitas, cada uma a seu modo, partem de uma proposta em comum, que é a ideia de homenagear tão famoso escritor, mostrando que os temas presentes na obra dão visibilidade a um Torga que busca não só desvendar os mistérios da vida como também uma auto-definição.

Verifica-se que os temas presentes em sua obra são repetidos nas críticas. Reforçam a ideia do telurismo, da influência pelos elementos bíblicos, da terra como seio acolhedor, do mar como inimigo de onde vem a destruição e a reflexão em torno de mistérios sagrados como a vida e a morte. Aqui, mais uma vez, observa-se que a profundidade com que a obra foi abordada, ainda que alguns críticos tenham feito referência ao não aprofundamento, não foi suficiente para que os autores percebessem a obra fora do “lugar comum”. As estratégias de contenção presentes no texto e que, segundo Jameson, poderiam abrir para significados mais amplos, não garantiram ao crítico a vira-volta, ocorrendo a sedução pelo texto.

O outro volume da revista *Colóquio Letras*, o número 98, dedicado a homenagear o poeta pela passagem dos seus 80 anos, foge ao padrão das outras publicações da própria revista ao trazer como texto de abertura uma explicação sobre o seu conteúdo e uma saudação inédita que foi dirigida ao poeta em 1981.

HOMENAGEM A TORGA

Assinalando o 80º aniversário do grande poeta e prosador Miguel Torga, cuja emblemática presença nas letras portuguesas continua felizmente a manifestar-se com o vigor e o fulgor de sempre, *colóquio/Letras* – além de neste número inserir um seu poema inédito – inclui a Saudação (nunca anteriormente publicada) que lhe foi dirigida em 1981 durante a entrega do Prémio Montaigne, as conclusões de uma tese universitária (também inédita) há dois anos apresentada no Brasil e dois textos expressamente escritos para esse número (1987, p. 8).

Dois depoimentos, um de Vitorino Nemésio em que ele afirma ser Torga o único escritor que, mesmo sendo novo, pode ser falado como antepassado, e o outro de Sophia de Mello Andresen, para quem Torga tem uma apaixonada consciência do país natal:

Miguel Torga é talvez o único escritor português novo de quem um camarada pode falar como de um antepassado. Ele antepassa-nos no acordo da sua literatura com as suas vivências, da sua obra bela e áspera com a sua vida delicada e selvagem. (Vitorino Nemésio)

Torga é um poeta em quem um país se diz (...) Um poeta que através de uma apaixonada consciência do país natal nos ensina a procurar a verdade universal da nossa habitação humana do terrestre. (Sophia de Mello Breyner Andresen) (1987, p. 9)

David Mourão-Ferreira, no artigo “Saudação a Miguel Torga”, o inclui entre os maiores escritores do mundo, caracterizando-o de incrível, telúrico e cívico. Para comprovar, o autor destaca um texto em que o próprio poeta diz em seu XII volume do *Diário* que: “Fui sempre todo doente, todo agônico, todo inocente, todo sensual, todo humilde, todo violento, todo sincero, todo poeta. O caixão que me levar, leva dentro uma vida humana maciça” (1987, p. 10). E para Mourão-Ferreira, é justamente a palavra “todo” que reflete o poeta, “todo” transmontano.

O crítico faz uma comparação entre Torga e Montaigne em relação ao amor que ambos sentem pela liberdade. O que os diferencia é em Montaigne, a acomodação em torno dos grandes para salvaguardar a sua liberdade interior e, em Torga, o fato de haver em seu cerne uma raiz anarquista.

Linhares Filho, em tese apresentada em 1975, diz que ao terminar a leitura da obra de Torga o que fica é a sensação de plenitude, o que coincide com a opinião de Jacinto do Prado Coelho. A proposta da tese é destacar a ideia de que a partir da consciência é que a poesia de Torga exprime a verdade do humano. Ele buscou no estudo “a verdade da crítica”, procurou conhecer a ideologia proposta pela obra, para fazer o que sugeriu Portella ao dizer que “conhecer é co-nascer” (1987, p. 14).

Em consonância com os outros críticos, mesmo tratando-se de um trabalho acadêmico com as particularidades que lhe são peculiares, o autor reforça a relação de

Torga com o presencismo. Percebe a ligação da obra com o neo-realismo e destaca o tema do telurismo o qual é apresentado de maneira tripartida. Para ele, amor arraigado à terra natal se mostra na dimensão portuguesa, ibérica e universal. Concorde com os outros críticos quando eles afirmam ser Torga digno de figurar entre os maiores escritores do mundo e encerra dizendo que a poesia adota atitude órfica, prometeica e sisífica.

João Bigotte Chorão (1987) aproveita o espaço para fazer um depoimento sobre a convivência que teve com Torga. O relato de Chorão difere do de outros e até de alguns textos autobiográficos do poeta, nos quais ele confirma ser uma figura difícil ou intratável, claro que respeitando o seu jeito de ser, segundo o autor. No entanto, estava sempre disposto a ouvir “com atenção” o seu interlocutor. Fala da simplicidade, de como parecia um confessor laico, e de como escutava pacientemente um jovem que havia feito uma composição sobre um dos seus contos.

O depoimento de Chorão sobre Torga vem dar um tom mais pessoal à figura do poeta, colocando-o, se não fosse a sua condição de escritor, quase como um homem comum. Todavia, deixa bem claro que independente de toda humanidade que possa ter o poeta, há algo que o diferencia dos outros seres, que é a sua obra.

Maria de Lourdes Belchior (1987) analisa o *Diário* e observa que por meio da leitura desse livro é possível recuperar as duas paixões de Torga, uma pelo homem e a outra pelo país. Acaba, de certa forma, reforçando a imagem do poeta humanizado, telúrico, pessoal e universal.

A busca incessante de Torga é vista como sendo a do conhecimento desse mesmo homem, que é ele e, ao mesmo tempo é um outro. O conhecimento do outro deve-se ao facto de conhecer a si próprio; ele mesmo afirma isso ao dizer que o único enigma do ser é o próprio ser. Declara que Portugal é cercado de mar e de Espanha por todos os lados e que se cada português pudesse seria habitante de Portugal somente.

Para Jameson, a análise da obra deve considerar as várias interpretações sem desqualificar as várias leituras, as quais estabelecem uma mediação, ou seja, uma identidade entre os níveis de leitura, evitando o aprisionamento do texto. Isso favorece uma abertura, sem buscar denominadores comuns, mostrando que os limites do texto podem e devem ser sempre superados.

Observa-se aqui que, de um modo geral, a opinião da crítica em determinados momentos tenta evitar esse não aprisionamento do texto, mas acaba sempre por ceder ao denominador comum quando analisa a obra de Miguel Torga sob um viés interpretativo

destacando sempre temas em comum. Reforça a ideia do poeta como sendo mais uma vez muito ligado à sua terra, muito cívico, tendo um amor à liberdade e reconhecendo a sua inserção entre os grandes nomes da literatura universal, apesar de tratar de assuntos tão arraigados a sua origem.

Dessa forma, mesmo não estando inseridos nos números das revistas que especificamente saíram para homenagear Torga, todos os textos têm uma linha de homenagem ao homem de letras e reconhecem sua grandeza, o que faz com que se pense com Jauss no horizonte de expectativas. Para o crítico, o valor estético decorre da percepção estética que a obra pode suscitar, ou seja, a maneira pela qual a obra vai atender, superar ou decepcionar as expectativas do público.

A partir dessa ideia, verifica-se que houve uma fusão de horizontes entre os críticos e a obra, tendo em vista a sua grande aceitação. Cada crítica, a seu modo, mostrou que as expectativas não só foram atingidas, mas também ficou evidente a ideia de que o leitor é responsável pelas lacunas que o texto proporciona. A partir dessas lacunas ocorre a sedução pelo texto, como propõe Jameson, reforçando que não houve a vira-volta em que o leitor duvida de quem está com a palavra.

Com isso, justifica-se de um lado que o crítico exerce influência como formador de opinião, e de outro, que na condição de leitor, é influenciado pelas leituras que faz. O que na opinião de Antonio Candido (1989) nada mais é do que o ato da crítica refletir a vida cotidiana, opinião essa que é compartilhada por Bela Josef (1996) ao citar Walter Benjamin:

A crítica deve construir a ressurreição da obra, na medida em que saiba promover a manifestação de seu tempo simultâneo. Conscientes que somos da carga de subjetividade que impregna todo trabalho crítico, cremos que nenhuma análise pode pretender esgotar as possibilidades de uma obra, já que há vários níveis de leitura, configurada na plurissignificação de um texto.

Para Candido, criticar é por em crise e isto é essencial em toda cultura e em toda época, visto que a arte não possui valores eternos nem imutáveis aos quais se deve seguir.

Referências bibliográficas

BELCHIOR, Maria de Lourdes. Uma leitura do *Diário*. **Colóquio Letras**, Lisboa, vol 98, julho 1987, p 22-24.

CANDIDO, Antonio. O ato crítico. In. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p 122-137.

CHORÃO, João Bigotte. Como é Torga. **Colóquio Letras**, Lisboa, vol 98, julho 1987, p 19-21.

FILHO, Linhares. O poético como humanização em Miguel Torga. **Colóquio Letras**, Lisboa, vol 98, julho 1987, p 13-18

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JOSEF, Bela. Crítica e interpretação: uma história. In. CUNHA, Eneida L. SOUZA, Eneida Maria (org.) **Literatura Comparada ensaios**. Salvador: Ed Ufba, 1996, p 49-56.

LOPES, Teresa Rita. Ao Princípio era a terra – a (des?) propósito do teatro de Torga. **Colóquio Letras**, Lisboa, vol 43, maio 1978, p. 51-61.

MACHADO, Álvaro Manuel. Miguel Torga ou a impureza da criação. **Colóquio Letras**, Lisboa, vol 43, maio 1978, p.44-50.

MOURÃO-FERREIRA, David. Poética e poesia no Diário. **Colóquio Letras**, Lisboa, vol 43, maio 1978, p 7-19.

_____. Saudação a Miguel Torga. **Colóquio Letras**, Lisboa, vol 98, julho 1987, p 10

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Os mitos clássicos em Miguel Torga. **Colóquio Letras**, Lisboa, vol 43, maio 1978, p.20-32

SILVA, Alberto da Costa. Prefácio. In. TORGA, Miguel. **A criação do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

SILVEIRA, Jorge Fernandes. O cilício, o sésamo e as palavras textuais na poesia de Miguel Torga. **Colóquio Letras**, Lisboa, vol 43, maio 1978, p. 44-40.

TORGA, Miguel. **A criação do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Raquel Terezinha Rodrigues é graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutora em Literatura (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo. Atualmente exerce o cargo de professor adjunto da Universidade Estadual do Centro-Oeste (PR). Atua principalmente nos seguintes temas: recepção crítica, Marguerite Duras, Miguel Torga, memórias, autobiografias, literaturas de expressão portuguesa. (raquelterezinha@gmail.com)